

MÉSZÁROS E LUKÁCS, *artigo-homenagem*

Marcos Del Roio¹

RESUMO: Este artigo homenageia a trajetória do filósofo húngaro István Mészáros (1930-1917), que foi aluno de György Lukács (1885-1971). Foi escrito no início desta década, entre 2013 e 2014, e aqui publicamos em função de, neste segundo semestre de 2017, termos perdido para sempre a convivência com Mészáros, mas não com sua numerosa obra que fica como um legado imprescindível a todos que lutam pelo socialismo. Mantivemos o artigo em sua redação original.

Palavras-chave: Mészáros. Lukács. Marxismo.

Trouxe grande expectativa o lançamento pela Boitempo editorial do segundo volume da portentosa obra de György Lukács, *Para uma Ontologia do Ser Social* e também do trabalho de István Mészáros, *O Conceito de Dialética em Lukács*. A Boitempo editorial desenvolveu um projeto de lançar as obras de Lukács ainda inéditas no Brasil e novas edições de outras já traduzidas, mas já esgotadas ou de difícil acesso. O estudo sobre a Ontologia foi a última e talvez a mais importante obra de Lukács. Depois de completar a obra sobre a Estética, Lukács percebeu que não daria conta de abordar a Ética, sem antes resolver o crucial problema da Ontologia do ser social, ao qual dedicou os últimos anos da sua vida.

Esse autor nascido em Budapest em 1885 e falecido nessa mesma cidade em 1971, aos 86 anos de idade, portanto, intentava indicar as bases para uma “renovação do marxismo”, necessária depois da noite staliniana e stalinista. Essa obra exigiu o máximo esforço de seus últimos anos de existência e provocou viva polêmica desde o início, mesmo entre os seus associados mais próximos da chamada Escola de Budapest, a começar por Agnes Heller. Foi em resposta a essas críticas que Lukács redigiu os *Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social*. Essas numerosas páginas permaneceram inéditas por uma década, até terem sido publicadas na Itália: a *Ontologia*

¹ Professor Titular da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNESP Marília, Departamento de Ciências Políticas e Econômicas.

do ser social, em 1981, e os *Prolegômenos*, em 1987, já em plena “crise do marxismo” (e também do socialismo de Estado). Parecia ter fracassado inteiramente o intento de Lukács de induzir a “renovação do marxismo”!

Hoje, no entanto, a sua obra é vista com menos preconceito (pelo menos no Brasil) e atrai jovens estudiosos em busca de auxílio na compreensão da crise da modernidade capitalista. A publicação de seus escritos em edições bem cuidadas é importante nesse compito, assim como aquela da já extensa obra de István Mészáros, hoje um autor bastante conhecido no Brasil.

Precisamente István Mészáros pode ser considerado o mais dedicado continuador da obra de Lukács na direção do esforço (que só pode ser coletivo) da “renovação do marxismo”. Mészáros nasceu em Budapest, 1930, como filho da classe operária espezinhada pela ditadura militar fascista do Almirante Horthy. A Hungria seria aliada de Hitler na guerra de conquista contra os povos eslavos (1939-1945), mas a derrota frente a URSS possibilitou a instauração de um novo regime revolucionário caracterizado por Lukács (e outros) como sendo uma democracia popular, na qual a classe operária viria a ocupar um papel dirigente. Essa esperança não durou muito tempo, tendo sido soterrada pela ditadura de caráter stalinista que se estabeleceu a partir de 1949.

Esse período do pós-guerra possibilitou que Mészáros se enveredasse para os estudos superiores, em particular sobre a filosofia marxista, tendo Lukács por orientador. É mesmo possível que Mészáros estivesse sendo preparado para substituir Lukács no seu posto na Universidade, mas a crise do stalinismo e o levante de Budapest, em 1956, mudaram muito a situação de ambos. Lukács se abrigou na embaixada da Iugoslávia, mas foi preso e deportado para Romênia, tendo depois retornado para a Hungria, quando a condição política assim o permitiu. Por sua vez, Mészáros deslocou-se para a Itália, País onde permaneceu algum tempo a trabalhar como professor universitário em Turim, profissão que assumiria como sua. Em seguida, Mészáros seguiu para a Grã-Bretanha para então se estabelecer em definitivo. Mészáros lecionou Filosofia e Ciências Sociais na Universidade de Saint Andrews, na Universidade de York e na Universidade de Sussex. Mesmo com essa separação imposta pela vida, Lukács e Mészáros nunca deixaram de preservar o contato epistolar.

A difusão do nome e da obra de Mészáros no Brasil começou com a publicação, pela Zahar editores, em 1979, do estudo sobre *A Teoria da Alienação em Marx*, livro que ganhou nova edição em 2006, agora pela Boitempo editorial. Mas, de fato, o primeiro

momento realmente importante para se reconhecer a presença de Mészáros na cena intelectual brasileira ocorreu por meio do projeto editorial Ensaio, que foi elaborado pelo filósofo brasileiro José Chasin e por um competente grupo de colaboradores no decorrer dos anos 80 e 90. Chasin, como Mészáros, foi um estudioso dedicado da obra de Karl Marx, tendo concebido formulações complexas e polêmicas.

A Editora Ensaio publicou diversos textos de Mészáros, entre os quais *Filosofia, Ideologia e Ciência Social* (1993) e *O Poder da Ideologia* (1996). Esses textos realçaram um autor estudioso profundo do tema da ciência na sua relação com a ideologia. De fato, Mészáros, nessas obras, desencadeia uma crítica radical contra a filosofia e a ciência social que respalda a ordem social do capital. Note-se que muito daquilo que Lukács escreveu foi também dedicado a esse mesmo objetivo, o que vem a comprovar mais uma vez, para esses dois autores húngaros, que a interlocução crítica com a ideologia dominante é indispensável para o desenvolvimento do marxismo entendido como filosofia da práxis, como crítica prática e transformadora do real.

A crise política e institucional que se abateu sobre o projeto Ensaio e a morte precoce de José Chasin provocaram uma breve interrupção na presença de Mészáros entre nós. Como Mészáros nunca foi apenas um professor e escritor, mas também é um militante político pela causa do socialismo, a ocasião para a volta ao Brasil foi a realização do Fórum Mundial Social, cujas primeiras edições ocorreram em Porto Alegre. O fato de esse fórum agregar os mais variados movimentos sociais para um confronto de ideias era um elemento importante para seduzir Mészáros a participar. O MST, o mais vistoso movimento social de esquerda no Brasil, também teve a ocasião de contar com a colaboração de Mészáros.

A esse ponto Mészáros já havia publicado, em 1995, a sua obra máxima *Para Além do Capital*, a qual já era conhecida e citada por alguns autores brasileiros. A Boitempo editorial, que fora fundada naquele mesmo ano de 1995, por Ivana Jinkings, decidiu enfrentar o desafio de traduzir e publicar essa volumosa obra de Mészáros. A parceria com a Editora da UNICAMP foi decisiva, até que em maio de 2002, em edição muito bem cuidada o livro veio a público. O lançamento foi feito nas dependências da PUC-SP, com a presença do autor. A aposta editorial foi muito bem sucedida e um livro volumoso e árido, até certo ponto, veio a ser um sucesso no mundo acadêmico e repercutiu em ambientes significativos da militância política de esquerda.

A continuidade / descontinuidade em relação à obra de Lukács fica sensível nesse livro. Lukács conviveu relativamente bem com o regime político húngaro reformado que emerge nos desdobramentos do levante popular de Budapest, de 1956, ainda que suas simpatias maiores estivessem com os comunistas iugoslavos e italianos. A experiência de democratização socialista na Checoslováquia, em 1968, despertou esperanças de que aqueles regimes poderiam ainda conduzir um processo reformador por iniciativa própria. No entanto, a intervenção político militar dos aliados no Pacto de Varsóvia em tendo bloqueado aquela experiência, bloqueou também em Lukács a esperança de uma possível auto reforma. Nos seus últimos anos Lukács voltava a investir na auto atividade das massas para alterar o poder. Lukács, enfim, apesar de sempre crítico, jamais chegou a romper com a experiência histórica que se desdobrara da revolução russa de 1917, apesar de tantos elementos de tragédia.

Inserido em outra temporalidade histórica, István Mészáros já rompe com o socialismo de Estado em 1956, quando deixou a Hungria levando consigo a convicção de que a transição socialista havia irremediavelmente fracassado. Mészáros passaria as quase quatro décadas seguintes pesquisando e refletindo do porque desse fracasso e principalmente sobre como abrir um efetivo processo de transição socialista. O resultado desse empreendimento, de fato, foi a obra *Para Além do Capital*, que traz por subtítulo *Rumo a uma teoria da transição*. Importante destacar que quando o livro foi publicado em inglês, em 1995, a ofensiva ideológica contra qualquer ideia de socialismo estava no apogeu, respaldada pela desintegração das experiências socialistas na URSS e Europa oriental.

A análise que Mészáros fez daquela experiência histórica levou-o a pensá-la como parte de uma totalidade concreta mais ampla denominada de sistema sociometabólico do capital. Mészáros retoma a reflexão de Marx e indica que a tríade Estado – capital – exploração do trabalho existem desde a origem da divisão social do trabalho e do excedente econômico. No entanto, no capitalismo essa tríade assume uma relação particular que se generaliza como sistema sociometabólico, o que significa dizer que o capital passa a ser o regente do conjunto da vida social e o Estado o garantidor da hierarquia social, da alienação e da exploração do trabalho por meio do salário.

O sociometabolismo do capital assume diversas formas sociais, assim como o Estado também pode se organizar de diferentes maneiras a fim de garantir a reprodução da ordem social, que em si mesma é irremediavelmente contraditória. Trata-se de uma

“ordem” que separa o trabalhador dos meios de produção e do produto do trabalho, assim como cinde a produção, da distribuição, da circulação e do consumo, de modo a compor um sistema produtivo caracterizado pela dissociação e pela fragmentação. Mészáros destaca amplamente que o movimento do capital é incontrolável, o que quer dizer que qualquer que seja a ação estatal com vistas a disciplinar a dinâmica da acumulação é inútil, pois que a anarquia da produção e a crise são elementos constitutivos e incontornáveis do capitalismo.

A experiência histórica daquilo que se convencionou chamar de “socialismo real” é qualificada por Mészáros como Estados pós-revolucionários. A literatura crítica dentro do campo teórico do marxismo entendeu identificar essa experiência como “stalinismo”, capitalismo de Estado, pseudo-socialismo ou socialismo de Estado e nenhuma se mostrou de todo convincente. No entanto, parte essencial da obra de Mészáros é indicar como tais Estados pós-revolucionários são parte constitutiva do sistema sociometabólico do capital, pois além de garantir a acumulação de capital, preserva a hierarquia social e o trabalho assalariado, ainda que prescindida de uma burguesia proprietária. A crise fatal que assolou esses Estados em fins dos anos 80 do século passado foi uma demonstração cabal de como o capital não pode ser controlado.

Mas a crise dos Estados pós-revolucionários também deve ser vista como um momento da crise estrutural do capital. Mészáros entende – em outra formulação bastante polêmica – que desde os anos 70 do século XX, o capital encontra-se na sua fase de crise estrutural. Isso quer dizer não só que as taxas de acumulação tendem ao declínio, mas que o capital esgotou a sua capacidade civilizatória e passa a expor a sua destrutividade e a trazer à tona todas as suas contradições como a opressão das mulheres e a devastação ambiental. O vínculo direto entre Estado e capital para a garantia da exploração do trabalho torna-se também mais evidente.

O movimento do capital deixado a si mesmo deve levar a humanidade a alguma forma de barbárie tecnológica, de onde decorre a necessidade do socialismo, da retomada de um movimento pela emancipação do trabalho e da humanidade. Mas sem uma avaliação profundamente crítica da teoria e da prática do movimento socialista desde fins do século XIX até os dias que correm essa retomada será muito difícil. Mészáros indica a separação da atividade do movimento operário entre o sindicato econômico e o partido político parlamentar como uma adaptação à ordem do capital que inviabilizou a luta socialista, no Ocidente, em particular. Na Rússia e na Europa oriental o atraso das forças

produtivas do trabalho inviabilizou a criação do trabalho associado, do fenecimento do Estado e do próprio sociometabolismo do capital. A própria noção de socialismo que se difundiu contribuiu com isso, considerando-se que a ideologia vigente entendia ser o socialismo congruente com a existência do Estado e da hierarquia social.

Então, além de problemas de ordem prática, necessário também é avaliar os limites teóricos do marxismo do século XX, que ao fim respaldaram aquela prática, até por se acreditar que o capital pudesse ser controlado pela política estatal. Nem por isso autores como Lenin, Rosa Luxemburg, Gramsci e Lukács devam ser desprezados, pois em suas obras podem ser observados muitos elementos críticos da direção que o conjunto do movimento socialista tomou e que culminou na avassaladora derrota de 1989/1991.

Do ponto de vista teórico, para Mészáros, desde hoje se trata de travar uma batalha política / econômica unificada contra o Estado e o capital, contra o assalariamento. Apenas uma ofensiva socialista pode reverter a tendência a barbárie que o capital em crise conduz. Por ora, o sujeito coletivo dessa luta está em construção e não há soluções definidas e nem é possível, apenas se pode dizer da necessidade de uma polarização antagônica ao poder do capital.

Mészáros sempre deu muita atenção às questões teóricas e metodológicas, assim como para o estudo da ideologia tanto como expressão do domínio do capital, como para a atividade de emancipação social humana, o que faz dele um autor muito útil para estudos de Filosofia e Ciências Sociais. A Boitempo editorial, depois do sucesso de *Para Além do Capital*, empenhou-se na publicação de toda obra de Istvan Meszaros, desde os escritos antes publicados pela Zahar editores e principalmente pela Editora Ensaio, até aqueles ainda inéditos no Brasil, incluído um ensaio sobre Sartre.

Com mais de dez anos de publicação da obra de Mészáros, a Boitempo editorial traz agora a público um texto emblemático, que é *O Conceito de Dialética em Lukács*. Escrito entre 1967 e 1968, é emblemático porque se trata de uma homenagem ao mestre que viria a falecer em 1971, e uma primeira avaliação da dialética na obra de Lukács. Pode-se, com facilidade, fazer uma analogia com o opúsculo escrito por Lukács, em 1924, sobre Lenin -- que foi uma clara demarcação política e teórica do autor naquele então -- com esse texto de Mészáros, publicado inicialmente em 1970 e depois, com algumas alterações, em 1972.

A edição brasileira é precedida por excelente apresentação de José Paulo Netto, que coloca o leitor numa situação muito boa para adentrar no texto de Mészáros sem sobressaltos. A avaliação de Mészáros parece ser guiada pela garantia da unidade da obra lukacsiana, com descontinuidade na continuidade, pela busca incessante em colmar a discrepância entre o dever ser e o ser que só a dialética pode concretamente conceber e prover.

O precioso texto de Mészáros sobre Lukács traz ainda implícitos os problemas que o próprio Mészáros se empenhou para solucionar. De fato, Mészáros reconhece as diversas situações equivalentes ao drama e mesmo a tragédia nas condições históricas vividas por Lukács. A riqueza intelectual e cultural da Hungria era contrastada por uma situação de atraso relativo das forças produtivas e do proletariado. A derrota da revolução de 1919 e a implantação da ditadura militar fascista impediram que Lukács mantivesse articuladas a elaboração teórica e a prática política revolucionária. A instauração de uma ditadura sobre o proletariado na URSS agravou sobremaneira a situação, mas o manter-se vinculado ao movimento comunista, apesar de tudo, foi uma opção que ao menos permitiu um desenvolvimento da filosofia marxista sem igual no século XX, mas cujos limites Mészáros não deixa de assinalar, demarcando assim a sua própria continuidade / descontinuidade com o autor de *Para uma Ontologia do Ser Social*.

RECEBIDO EM 08-08-2017

APROVADO EM 08-09-2017